

Pombal e o Positivismo como indicadores de influência

FERNANDO BRAGA

SUMÁRIO

1. O influxo pombalino. 2. O apostolado positivista. 2.1. Histórico. 2.2. Doutrina. 2.3. A indução no Brasil. 2.4. Conseqüências teóricas. 2.5. Os precursores. 3. Conclusão.

1. O influxo pombalino

No que pese Sebastião José de Carvalho e Melo (1799-1846), Conde de Oeiras, título recebido em 1759, após o famoso Processo dos Távoras, e mais tarde Marquês de Pombal, ter sido acusado por Dona Maria I (1734-1777) como *vendetta*, sendo-lhe imputada toda a responsabilidade coletiva por causa do estribilho “foi o Rei quem mandou”, quando Ministro de Dom José I (1714-1777), numa soberania conhecida como “Tábua Rasa”, segundo a classificação de João Ameal, em sua *História de Portugal* : das origens até 1640¹, sem nenhuma dúvida ou má interpretação, ao Marquês já era reservado, pelo registro dos fatos, um lugar de grande estadista, por ter, como é do conhecimento histórico, sabiamente reerguido Lisboa, parcialmente soterrada pelo terremoto de 1755, com o ouro das nossas Minas Gerais e com o lucro da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, idealizada por ele próprio sob a orientação do capitalista José Francisco da Cruz, com um capital de cem milhões e duzentos mil cruzados.

“Pombal, que em tudo se revelou um político de pulso e grande protetor do Maranhão”, fez ferrenha oposição aos discípulos de Loyola.

“Os religiosos apelaram para o Rei, mas a verdade é que Pombal venceu, e a Província, antes abandonada, começou

Fernando Braga é Advogado e Professor universitário.

¹ Op. cit., p. 473.

a prosperar (...), pois de logo se verificou, com as medidas adotadas, o crescente impulso da exportação maranhense (...). Com tais medidas e o braço escravo, mais eficiente que o indígena, e a fase da revolução industrial na Europa, a vasta Província nortista (o Maranhão) cresceu em franca prosperidade”.

Quem assim nos conta em belíssima narrativa é o escritor maranhense Astolfo Serra².

Sobre as reformas pombalinas, Antônio José Saraiva, em *História da Literatura Portuguesa*, assim comenta³:

“Dom José, um *déspota esclarecido*, inspirou as reformas do Marquês de Pombal. É sob esse Ministro que cessa a perseguição dos cristãos-novos e terminam os autos-de-fé e que são expulsos de Portugal os jesuítas em 1759, que tão absorventemente tinham dominado o Estado, e sobretudo a educação. A grande burguesia mercantil e colonialista inspira esta política, que após dois séculos de segregação coloca de novo Portugal no nível dos povos da Europa Ocidental”.

Se por um lado Pombal se valia de arbitrariedades, como escrevem alguns historiadores – perpetradas na própria Casa Real Portuguesa –, por outro, usava a equidade e a justiça, como neste excerto de uma carta do Marquês endereçada ao seu sobrinho, Joaquim de Melo e Póvoas (1761-1779), quando este assumiu o Governo do Maranhão, a qual foi transcrita na íntegra por Augusto César Marques⁴.

“(…) A justiça e a paz, com que V. Exa. o governa, o farão igualmente benquisto e respeitado, porque, com uma e outra coisa, se sustenta a saúde pública. Engana-se quem entende que o temor com que faz obedecer é mais conveniente do que a benignidade com que se faz amar; pois a razão natural ensina que a obediência forçada é violenta e a voluntária, segura (...)”.

Sendo “o homem o principal objeto do pensamento filosófico numa operação viva, cujo progresso é real sem ser, entretanto, linear e, sobretudo, sem nunca estar acabado”, segundo

Lucien Goldmann⁵, levou-nos à meditação de que o atavismo que Carvalho e Melo legou à formação política do Brasil, prendeu-se, frontalmente, ao *autoritarismo*, como se pode observar em estudos mais densos de alguns precursores do Positivismo entre nós que, ilustrados pela doutrina de Comte⁶, chegaram e se manifestaram no poder com o mesmo ranço que o Marquês exalava, ficando, portanto, à análise do tempo, se *déspotas ou liberais, se mártires ou santos*, mas aureolados pelo iluminismo superior.

A obra de Auguste Comte apresenta três características: uma filosofia da história do pensamento humano; uma fundamentação e classificação das ciências e, por fim, uma sociologia ou simplesmente uma doutrina da sociedade.

2. O apostolado positivista

2.1. Histórico

O Positivismo é uma escola filosófica, chamada tempos depois de Filosofia Científica, fundada por Isidore Auguste Marie François Xavier Comte (1798-1857), caracterizada pela revolta antimetafísica. As idéias do filósofo francês surgiram de reflexões tendo por pano de fundo a ciência e a filosofia do século XIX, convicto de que “só a ciência pode ir penetrando os aspectos do mundo acessíveis à experiência”.

A ação do Positivismo lançava-se contra a posição filosófica de base espiritualista. Nessa fase, no Brasil, as representações principais eram frei Francisco de Mont’Alverne, Domingos Gonçalves de Magalhães, Eduardo Ferreira França, Padre Patrício Muniz, Soriano de Sousa e Pedro Américo de Melo.

Outros apóstolos do Positivismo foram Miguel Lemos, que era líder do culto a Comte, e Clotilde des Vaux (com quem Comte dividia a sua filosofia, e, dizem, o seu amor). Miguel Lemos desenvolvia sua devoção sempre ao lado de Raimundo Teixeira Mendes, maranhense da cidade de Caxias, cuja fidelidade às idéias comtianas são profundas e comovedoras. Foram eles os idealizadores da Bandeira da República, a qual tem o dístico positivista “Ordem e Progresso”.

⁵ *Dialética e cultura*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1967.

⁶ Autor de *Cours de philosophie positive*, 1830-1842. 6 v.; *Système de politique positive*, 1851-1854. 4 v.; *Discours sur l’esprit positif*, 1844; *Cathécisme positiviste*, 1852 e *Appel aux conservateurs*, 1855.

² *A Balaçada*. Rio de Janeiro : Biblioteca Militar, 1946.

³ Op. cit., p.137-8.

⁴ *Dicionário histórico e geográfico da província do Maranhão*. Rio de Janeiro : Fon-Fon, 1972.

Como ilustres seguidores, destacam-se ainda Lauro Sodré, no Pará; Barbosa Lima, em Pernambuco, e João Pinheiro, em Minas Gerais.

2.2. Doutrina

Os estudiosos dizem que

“a filosofia política positivista baseia-se no pressuposto de que a sociedade humana caminha inexoravelmente rumo à estruturação racional. Esta convicção e os meios necessários para a sua realização são alcançados mediante o cultivo da Ciência Social. Ante tal formulação, são possíveis duas alternativas: ou empenhar-se na educação dos espíritos, para que o regime positivo se instaure como fruto de um esclarecimento, ou simplesmente impor a organização positiva da sociedade por parte da minoria esclarecida. Sustentou a primeira atitude, principalmente, Pereira Barreto, o que corresponde ao chamado positivismo ilustrado; a segunda foi a alternativa de Júlio de Castilhos e foi a versão de inspiração que prevaleceu, cujas repercussões se fazem sentir ainda hoje”.

Dizia a Filosofia Positivista que

“o espírito humano atravessa três estados teóricos e distintos – o teológico, o metafísico e o positivo, que, de resto, são três métodos diferentes da busca do conhecimento –, o positivismo interpreta o primeiro deles como a infância da humanidade; o segundo, de transição, é caracterizado pelo espírito de crítica; e o terceiro, finalmente, utilizando processos próprios e científicos, representa a idade madura da humanidade e inaugura um período fixo e definitivo”.

2.3. A indução no Brasil

No final do século XIX e início do século XX a admiração pela doutrina comtiana e pelo próprio filósofo no Brasil, tinha, de certo modo, o mesmo fascínio que Aristóteles despertava na culta Grécia.

O ambiente universitário em São Paulo era agitadíssimo, apesar dos ditames conservadores vindos da Universidade Imperial. Os estudantes superiores paulistanos e de Recife jogavam-se às novas correntes de pensamento; encontravam respaldo entre eles as idéias do materialismo e do positivismo. “No Brasil, a questão religiosa abriu uma brecha entre os bispos e o poder civil,

assim como entre a Maçonaria e a Igreja, estimulando, dessa forma, a difusão do agnosticismo e do ateísmo”. A corrente abolicionista fortificava-se e punha em perigo a estrutura semifeudal da economia agrária, segundo alguns autores, e a propaganda republicana mais crescia.

As discussões entre católicos e livres pensadores eram constantes, e os poetas, quase todos acadêmicos, rompiam com as doutrinas românticas, dando passagem ao realismo na prosa e ao parnasianismo no verso, e mais ferrenhamente ao sentido crítico “que atacou especialmente o ecletismo espiritualista então vigente como filosofia oficial e falta de unidade doutrinária”, segundo comentário do Professor Antônio Paim.

2.4. Conseqüências teóricas

“O propósito de garantir ao homem a totalidade dos seus direitos implicou historicamente a declaração de um estado de guerra e um esforço por reeducar as massas, até que houvesse homens capazes de querer livremente e com plena vontade o seu verdadeiro querer. Esses fatos justificam a compulsão de uma elite que suspenderia a liberdade e manteria o estado de guerra, enquanto houvesse alguma oposição e a sociedade não fosse plenamente unificada”.

Resultou desse efeito o *totalitarismo* cuja única meta consiste “na total dominação do homem”, como entende Hannah Arendt⁷.

2.5. Os precursores

Augusto Comte ensinou “que o poder vem do saber.” O saber não é outro senão o estado positivo, último estágio a ser atingido pela humanidade. Aceitando, na íntegra, este conceito e considerando-se não só competente, mas possuído de intenções absolutamente puras, Júlio de Castilhos (1860-1903), que foi sucedido por outro, de igual brilhantismo como pensador, Antônio Borges de Medeiros, imaginou que o governo estava a serviço do aprimoramento moral da sociedade, deixando transcrever em sua obra estas três teses positivistas: a afirmação da grandeza moral do catolicismo, por ter sido “a mais nobre e elevada tentativa de uma Religião Universal até a

⁷ Cientista Político norte-americano. Autora de *On Revolution*. Nova Iorque : Vichking Press, 1963, tido pelos especialistas como um clássico político.

grande crise do século XVIII”; a completa separação do poder temporal com relação ao espiritual, a eliminação da ciência oficial e a necessidade de moralizar a política. Em seguida, Benjamin Constant (1836-1891), o “cérebro da República”, sustentava os entendimentos doutrinários entre o Positivismo e o Exército, cabendo a Silva Jardim (1860-1891) ser o expoente das idéias novas.

Finalmente, o cientificismo ocupa três ciclos de grande influência no Brasil, na assertiva do Professor Antônio Paim⁸, assim dispostos:

1º) O carisma pombalino exauria-se na luta política sem conseguir chegar ao poder, marcando, no entanto, sua fase de ouro entre nós, com a criação da Real Academia Militar que depois passaria a chamar-se Escola Politécnica; a implantação da Escola de Minas e a organização dos anais da Biblioteca e do Museu, ambos do Rio de Janeiro;

2º) Caracteriza-se por explicar a *possibilidade da moral científica, apenas pressuposta no ideário pombalino* compreendendo a época da Proclamação da República à década de 30 deste século (este ciclo corresponde ao Positivismo);

3º) Nesta fase, a mentalidade adota o marxismo e inicia-se

“com os concursos de Hermes Lima (1902-1978) e Leônidas de Resende (1889-1950), nos começos da década de 30, na Faculdade Nacional de Direito, da extinta Universidade do Brasil, até os nossos dias”.

3. Conclusão

O Professor e historiador Mário Martins Meireles⁹, decano da Academia Maranhense de Letras, assim comenta sobre a derrocada política de Pombal:

“Acusado de aproveitar-se de posições oficiais em proveito próprio, sua

administração no Brasil aboliu as capitanias hereditárias, criou numerosas comarcas e vilas, estabeleceu leis de inegável alcance social, incrementou o comércio, as exportações, a lavoura cafeeira e a construção naval. Ao proclamar a liberdade dos indígenas brasileiros, polemizou com os jesuítas, o que lhe valeu o fim político”.

Por fim, o mestre Hermes Lima nos deixou uma máxima de grande alcance: “Afinal a raiz do homem é o próprio homem, e não há como pensar sobre o homem senão partindo dele mesmo”.

Bibliografia

- BARRETO, Vicente, PAIM, Antônio. Primórdios do liberalismo; Disensão do Poder Moderador ; Liberalismo e representação política. *Gazeta, sup. do Jbr*, 12 mar. 1983.
- BARRETO, Vicente, PAIM, Antônio, VELEZ RODRIGUES, Ricardo. A propaganda republicana ; A ditadura republicana e o Positivismo ; Autoritarismo. *Gazeta, sup. do Jbr*, 19 mar. 1983.
- PAIM, Antônio, SOUZA, Francisco Martins de, BARROS, Reynaldo. O Socialismo ; O integralismo ; A opção totalitária. *Gazeta, Jbr.*, 9 abr. 1983.
- SALDANHA, Néelson. *O pensamento político no Brasil*. Rio de Janeiro : Forense, 1979.
- . *O pensamento constitucionalista brasileiro*.
- VELEZ RODRIGUES, Ricardo. O Castilhismo ; O trabalho após 30. *Gazeta, sup. Jbr.*, 26 mar. 1983.
- CICLO de Conferências realizado pela universidade de Brasília (UnB), no período de 24 a 26 de outubro de 1977. Brasília : Centro Gráfico do Senado Federal, 1978.
- ENCICLOPÉDIA BARSA. São Paulo : Enciclopédia Barsa do Brasil, 1994. v. 1, 5 e 12.

⁸ *Pombal e a cultura brasileira*. Rio de Janeiro : Fundação Cultural Brasil-Portugal, Tempo Brasileiro, 1982.

⁹ *Melo e Póvoas*. São Luís : SIOGE, 1974.